

O DISTRICTO DE AVEIRO



PUBLICA-SE A'S TERÇAS E SEXTAS FEIRAS.

Preços: (com estampilha)

Anno, 3\$540 réis — Semestre, 1\$770 réis — Trimestre, 935 réis.

Subscreve-se e vende-se unicamente no escriptorio da administração, rua Direita n.º 24. — Publicações de interesse particular, são pagas — Folha avulsa, 40 réis — Anuncios, 20 réis por linha — Correspondência não franqueada, não sera' recebida — Artigos mandados a' redacção, sejam ou não publicados, não serão restituídos.

Preços: (sem estampilha)

Anno, 3\$000 réis — Semestre, 1\$500 réis — Trimestre, 800 réis.

NUMERO 149

SEXTA-FEIRA 5 DE DEZEMBRO DE 1862

SEGUNDO ANNO

AVEIRO

Alguns jornaes tanto da capital como das provincias tem, ultimamente, feito allusões a planos ousados, projectos atrevidos, combinações funestas.

Inculca-se que periga a liberdade, que as instituições correm risco, que a dynastia está ameaçada.

Não o acreditamos nem o recebiamos. De certo ha exaggeração, se he que não ha ruim proposito.

A opposição e a governante fazem a justiça da acreditar, que nem um dentre elles se associará a planos donde possa vir mal á liberdade ou á nossa independencia.

Nem a opposição, onde figuram caracteres tão nobres, cavalheiros tão bons servidores da causa liberal; nem o governo que tem por bandeira — progresso rasgado, — que tem o apoio dos que se chrisamaram historicos, e que se ufanam da sua historia por ser liberal, podem dar ajuda ou conselho para tão má causa.

As fileiras do velho partido liberal estão muito variadas, a morte tem-nas desimado, os trabalhos cansado, a idade enfraquecido muito, mas ainda assim se a liberdade for ameaçada, quem ousou combater o despotismo dos governos de D. Miguel, não duvidará dar o resto de suas forças para combater o despotismo de quem quer que seja. Os que inda restam dos bravos do Mindelo, dos sitiados do Porto, dos valentes d'Almoster e Asseiceira, todos, em qualquer parcialidade liberal, que estejam filiados, hão de saber unir-se, para juntos defender o que lhes custou a elles e a seus companheiros de fadigas e de gloria, tanto sangue e tanto sacrificio.

E a geração nova tem muita illustração e muitos brios, o povo muito bom senso, e não hade consentir, nem na perda da sua liberdade, que tem aprendido a avaliar, nem na da sua independencia de que he tão rasoavelmente cioso, nem na da dynastia que tão sinceramente ama.

Não acreditamos nem recebiamos; mas será prudente, que o partido liberal vigie pelos seus interesses, que não se enfraqueça, dividindo-se cada vez mais. Não acreditamos nem recebiamos, mas a cautella nunca é de mais.

Não esqueçamos nunca os conselhos e os exemplos de José Estevam.

O *Diario de Lisboa* do dia 2, não negando que fosse expedida no banco a portaria sobre a venda d'inscripções, mas explicando-a de maneira diferente da que tinha sido entendida por alguns jornaes assegura que a maior parte do emprestimo dos 5:000:000 sterlingos está ainda disponível para ir tendo successivamente a sua applicação legal.

Esta asserção da folha official deve tranquilisar muito receio, que havia de que tão grande somma tivese já sido gasto, e que houvesse necessidade de novos emprestimos para satisfazer aos encargos a que ella era destinada.

LISTA DOS SUBSCRIPTORES

PARA O MONUMENTO EM MEMORIA DO SR. JOSE ESTEVAO

| | |
|-------------------------------------|----------|
| Transporte. | 553\$400 |
| Clemente Pereira Gomes de Carvalho. | 4\$500 |
| Antonio Egidio Ferreira da Cunha | 4\$500 |
| Germano Ernesto de Pinho Ravara. | 6\$000 |
| Adriano Rodrigues Lucas | 2\$250 |
| Pereira Bastos e C. ^a | 2\$250 |
| Dr. Francisco de Souza Janeiro. | 2\$250 |
| Antonio Theodoro Ferreira Taborda. | 6\$750 |
| Luiz Francisco d'Oliveira | 2\$250 |
| Summa réis | 584\$150 |

(Continúa.)

ESTRADA DO BOCO

(Pela ultima vez.)

Venho hoje despedir-me desta fastidiosa discussão. Até que appareceu em scena o sr. Nicolau Tolentino podia discutir-se; agora é impossivel. Desde que se desce á linguagem das tavernas; em que cynicamente se negam factos, que todos conhecem, e se tem a impudencia de taxar de falsarios aquelles, que na sua indicação são rigorosamente verdadeiros, a discussão é impossivel.

De que serve desmentir o que assevera o sr. Tolentino? Não podemos aqui abrir um inquerito sobre a verdade dos factos e nem aduzir documentos sobre a veridade da maior parte dellos. E nem o respeito necessario. Quem conhece os factos está habilitado para julgar, e quem os não conhece decide-se pelo credito que eu mereço, ou pelo que merece o sr. Tolentino.

Aos que duvidarem pode servir um exemplo. Fallei incidentalmente da feira da Mouta; — enúmerica entre as principaes do districto e referi que um dos generos, que lhe dava importancia, eram as lãs, que ahi se vendiam no valor de muitos contos de reis. A isto respondeu o sr. Tolentino que só na feira de julho se vende ali mais alguma lã — que nas outras se vende tanta lã como nos diferentes feiras do districto.

Mas qual é a verdade?

Aqui podemos responder com documentos

em março de 1861 gastou 316 milhões, e fez votar 294.857.625 francos para o exercicio de 1862 a 1863. O credito concedido ao francez em 1862 era de 149.337.819 francos; e em 1863 de 165.882.420. A razão da differença não dimana só do maior numero de navios, resulta da mediocridade dos soldados francezes, e da economia que preside ás suas construcções navaes.

A administração central do ministerio da marinha em França custa 1.317.200 francos, e em Inglaterra 3.600.000. A soldada dos marujos francezes não attinge 700 francos por anno, a dos inglezes é de perto de 1.000 francos. Um vice-almirante francez recebe 15.000 francos em terra, e 40.000 embarcado. O inglez tem no primeiro caso 36.500 francos, e no segundo 64.000. Um contra-almirante ou um commodoro de 1.^a classe, quando está em terra recebe 27.375 francos e a bordo 55.000. Em França tem 10.000 francos em terra, e 30.000 no mar. Um capitão de mar e guerra de 1.^a classe, que em França só recebe 5.000 francos desembarcado e 14.000 embarcado, tem em Inglaterra 17.525 no primeiro caso, e 42.000 no segundo. Até os pagens que em França vencem 146 francos por anno ganham em Inglaterra 265 francos.

As despesas de material, viveres e fardamento estão na mesma proporção. Em França o fardamento do marinheiro custa 79 francos 50 c; e em Inglaterra 103, posto que os pannos n'este paiz sejam mais baratos. O sustento do marinheiro francez custa por anno 354 francos, o do inglez 453.

Não é só no exercito e na marinha que se reconhecem estas exorbitancias e desperdícios,

na não para desmentir este falsario. A lã paga naquella feira 2 1/2 rs. por arratel; — esse imposto rendeu no anno economico findo 78:810, e com os gastos de percepção pode seguramente elevar-se o seu rendimento a 90\$810, o que nos dá aproximadamente 37:837 arrateis, que a 300 rs. cada um, que foi o termo medio do seu preço dá a somma de 11:351\$100. Qual é a feira do districto, onde se vendem lãs nesta importancia?

Assim em tudo o mais.

Das profecias do sr. Tolentino toda a gente se ri; — das suas homilias sobre a liberdade d'imprensa, que vem substituir com as suas calumnias, ninguém faz caso. Fica prégando no deserto. Entregamolo ao despreso, que merece.

Inspirado pelos baixos sentimentos, que levaram outro corifeu d'esta seita, a chamar falsarios aos seus visinhos, não duvida agredir os rev.^{os} parochos da Mamarrosa e Troviscal porque ali se assignaram representações em favor da directriz de Mogofores, attribuindo-as a solicitação minha. Mente o calumniador. Ali representou-se naquelle sentido porque os seus moradores sabem apreciar as suas conveniencias. Aquelles rev.^{os} parochos tem a independencia necessaria para resistirem ás solicitações administrativas e é esse peccado, que lhe não podem perdoar estes Tolentinos, que ninguém conhece pelos seus versos, mas pelas suas calumnias.

Pondo aqui termo a esta discussão devo dizer duas palavras de satisfação á gente sensata dos concelhos d'Oliveira e Agueda.

Todos os que tem seguido esta deploravel discussão conhecem a sua historia. O governo propunha-se fazer uma estrada desde o Boco á estação de Oliveira ou a outra estação proxima do caminho de ferro, que era seguramente a de Mogofores. Ao concelho d'Anadia, e mesmo a parte do d'Oliveira, convinha que a estrada viesse a Mogofores e por isso a camara d'Anadia representou em favor do traçado de Mogofores. Isso estava entregue aos poderes publicos para resolverem como mais acertado lhe parecesse. O bom senso aconselhava que os dous concelhos unissem os seus esforços, — fizessem mesmo alguns sacrificios para que ambas estas estradas se conseguissem e era provavel que o alcançassem, porque, servindo a ambos elles de tronco commum a estrada até á Palhaça, a divergencia não se tornava muito importante.

Em lugar disso que se fez? Em nome do concelho d'Anadia não se escreveu para os jornaes uma unica palavra a este respeito. Foi d'Oliveira que rompeu o fogo declarando-se parvamente guerra ao concelho d'Anadia e provocando-me directa e grosseiramente á discussão. Respondi. Não creia algum entretanto que

Nos serviços ecclesiastico e civil dão-se as mesmas incongruencias.

O clero anglicano custa sommas enormes. Enquanto alguns bispos francezes não apuram 15:000 francos ha prelado inglez que embolsa 15, 20 e 30.000 libras por anno. A instrucção publica é muito mais cara em Inglaterra do que em França. O ensino superior custa perto do dobro (o secundario não é subsidiado pelo Estado) e a instrucção primaria, que só figura no budget de 1863 por 6.809.100 francos avulta no da Grã-Bretanha 28 325.575.

A diplomacia tem maiores ordenados. As differenças notam-se sobretudo nos vencimentos dos secretarios e addidos de legação. O primeiro secretario d'embaixada franceza em Londres ou S. Petersburgo recebe 18.000 francos. O inglez em Paris tem 27.250 francos, e o da Russia perto de 37.000 francos.

A administração da justiça custará á França em 1863 a somma de 32.871.610 francos. A Inglaterra terá de pagar 86.487.400 francos. E' certo que a repartição da justiça em Inglaterra abrange parte do serviço do ministerio do interior imperial, designadamente a policia geral e as prisões. Mas, tomando em conta esta circumstancia, a desproporção das despesas por serviços analogos nos dois paizes, não é menos consideravel.

O lord chanceller de Inglaterra é tambem presidente da camara dos lords. Recebe n'esta dupla qualidade 350.000 francos annuaes. O vencimento de lord chanceller d'Irlanda é de 200.000 francos. O guarda-sellos em França não tem mais de 100.000 francos.

eu tenha algum desejo de que se não faça a estrada á estação d'Oliveira. Reputo mais importante a estrada a Mogofores e por isso lhe dou preferencia, mas desejaria tambem que se fizesse a d'Oliveira. Quem pensa o contrario engana-se; prefiro Mogofores, mas não excluo Oliveira.

Tambem não trouxe Agueda á discussão, porque sabia bem que Agueda nada tem com o Boco. Nunca recebi offensas de ninguém d'Agueda e bem é de presumir por isso que lhe não desejo mal. No que disse, pois, não queria oppor-me a que Agueda fizesse, ou lhe fizessem todas as estradas, que julgar convenientes. Desejo-lhe todas as prosperidades.

Mas chamado á discussão d'alguns pontos, que indirectamente respeitavam a Agueda tinha que dizer a verdade. E' por isso que taxei de disparate a allegação de que os productos da Beira viriam pela estrada de Boalvo a Agueda para d'ahi seguirem a Oliveira tomar o caminho de ferro. Disse e repeti que as duas estradas, que pelo Bussaco e Albergaria, se dirigem ao centro da Beira tiram muita importancia á de Boalvo e os resultados já o mostram por que o transporte dos vinhos se está já fazendo principalmente pela estrada do Bussaco.

Não disse entretanto que se não construa a estrada de Boalvo — estimo até muito que se faça; — ella aproveita muito ao concelho d'Anadia e sem duvida que a Beira central tiraria d'ella grande proveito, não para vir por Agueda a Oliveira, que é disparateo imaginar que algum se proponha fazer semilhante rodeio, mas para vir a Agueda mesmo procurar, ou trazer o objecto, que fosse conveniente trazer, ou conduzir pela via fluvial a Aveiro.

Nas mesmas circumstancias está a estrada d'Agueda a S. Pedro do Sul. Não disse tambem que era inutil a estrada d'Agueda a Oliveira — disse e digo que era d'um interesse muito secundario, por que a estação, que Agueda procurará no caminho de ferro, não será nunca a d'Oliveira, porém sim a de Mogofores nas suas relações com o Sul e Estarreja, ou Aveiro nas suas relações com o Norte. As raias estão já dadas. Mogofores fica mais longe que Oliveira, mas na mesma direcção do Sul e não é por isso inteiramente perdida a differença percorrida a maior. O mesmo acontece com relação a Aveiro. Quem acreditará que querendo se ir d'Agueda ao Porto se virá tomar o caminho de ferro a Oliveira retrocedendo 10 kilometros quando, percorrida essa distancia na direcção d'Aveiro, se aproxima d'esta cidade evitando os 20 kilometros de caminho de ferro entre Oliveira e Aveiro?

Anadia 23 de novembro de 1862.

Alexandre de Seabra.

Em Inglaterra cada um dos tres lords membros do tribunal de chancelleria recebe 150.000 francos; os tres vice-chancelleres 125.000 francos cada um; o presidente do tribunal do banco da Rainha 200.000; o juiz immediato 192.500 francos; e os outros membros 125.000 francos cada um; o presidente do tribunal *common pleas* 175.000 francos; e os outros membros 125.000 francos cada um; o presidente do tribunal do *Exchequer* 175.000 francos, tres membros a 125.000 francos, e outro a 101.628; o juiz do tribunal do almirantado 100.000 francos, o do tribunal de *probate* 125.000 francos. Na Irlanda os vencimentos são proporcionaes.

Em França os vencimentos do supremo tribunal são os seguintes; o primeiro presidente e o procurador geral têm 35.000 francos. Os presidentes dos outros tribunaes 25.000, os membros 18.000. Para não multiplicar citações, limitar-nos-hemos a observar que em França os membros dos tribunaes delegados para presidirem nas assizes só percebem a gratificação de 1.600 a 2.800 francos, ao passo que em Inglaterra os presidentes de tribunaes analogos recebem de 30.000 a 37.500 francos.

O auctor conclue sustentando, que em França se observam melhor os preceitos da economia. Mas não tem em conta como devia, a carestia de todos os objectos de primeira necessidade, a superioridade da riqueza da Inglaterra, e a exemplar moralidade do funcionalismo, resultante das altas condições de independencia em que é collocado.

(«Jornal do Commercio»)

FOLHETIM

Os orçamentos da França, e da Gran-Bretanha.

(Conclusão do numero antecedente.)

Em França a manutenção de um exercito de 400.000 homens e 85.700 cavallos, em 1863, custa a somma de 366.620.327 francos; em Inglaterra 145.450 homens e 14.116 cavallos custam libras 15.302.870 ou 382.571.750 francos.

E' certo que em Inglaterra os pretos e soldados são mais avultados; e que nas repartições administrativas os chefes que em França recebem 6 a 8.000 francos de ordenado são em Inglaterra contemplados com 25 e 30.000 francos. O soldo medio do soldado francez é de 260 francos annuaes, e o do inglez de 640 francos. Um coronel de cavallaria, que em França apenas faz 9.000 francos recebe em Inglaterra 33.750 francos; e um de infantaria 27.500 francos.

A comparação dos vencimentos navaes não é menos curiosa. O numero de navios inglezes nos portos ou em construcção é quasi o dobro dos que tem a França; mas o dos navios armados é quasi igual nos dois paizes. Por isso pouco differença o numero dos marujos e soldados de marinha embarcados.

O orçamento inglez demonstra, que a marinha custa ao Estado, em numero igual de vasos armados e tripulados, mais um terço do que paga a França.

O governo inglez, no orçamento terminado

CIENCIA PARTICULAR

de dezembro de 1862.

Aveiro é periodico essencial...

É sabido ser cousa interessante, para quasi todos os leitores de folhas, um noticiario de cousas de Coimbra...

Eu estou escrevendo em o 1.º de dezembro, no dia anniversario da nossa restauração!

Celebrou-se pois na igreja de Santa Cruz em acção de graças ao Senhor pelo immenso favor...

A este acto assistiu todo o possível esplendor, e do grande e reverente concurso, e dos hymnos da igreja saltava enthu-iastico o amor da liberdade!

Nenhuma auctoridade civil e poucos ecclesiasticos faltaram a este Te-Deum; e o sr. reitor da Universidade...

A mocidade academica tambem lhe foi impedida a sua assistencia pelo sino fatal que neste dia bem podera deixar de tangêr...

A autonomia portugueza, symbolo magestoso da nossa conservação, e bandeira da prosperidade interna quizeramos tambem, que tivesse o favor da lei para considerar de gala o dia que a festeja...

Para completar esta festividade tem h je a noite logar uma recita no theatro de D. Luiz, onde se preparam uma illuminação brilhante e ornamentos apparatusos.

Mas abandonando isto para não ser o unico objecto d'esta correspondencia, entre outros factos, que occorrem nesta cidade, avultam as eleições da camara municipal...

Este facto notavel, que dá origem a novas eleições, como uma distração inutil talvez das occupações do povo, está manifestando o quanto póde o interesse particular ou capricho, que s'enrolva nos negocios communs...

Não queremos nem censurar o conselho de

districto, nem louval-o, que em fim consta-nos terem havido irregularidades d'eleição...

Corre pela cidade n'uma extraordinaria profusão um prospecto d'um novo periodico, que vai sair com o nome de Grito da Liberdade.

Queira Deus com effeito, que aquelle periodico não atraia o programma vendendo-se a facções, tornando mercenaria a consciencia de seus directores.

Já chegou a confirmação dos eleitos pela faculdade de direito nos ultimos concursos para as quatro substituições, que estavam vagas.

A haver nisto a verdade, que por tal se assela á bocca plena, o sr. reitor houve-se muito indecorosamente, permitta-me s. ex.ª que assim me explique!

Mas o que estas cousas em ultima analyse indicam é a urgencia d'uma reforma d'organisação na Universidade, que comece pela seisação do arbitrios, e ritos inquisitoriaes...

E disse por hoje. F.

TRIBUNAES

RELAÇÃO DO PORTO

Sessão de 1 de dezembro

Distribuição de causas

Appellações civis

Vieira. Bernardo Rodrigues e mulher, no inventario de José Rodrigues—juiz Oliveira, por impedimento Seabra escrivão Sarmento.

Vinhães. José de Sousa—c. Thereza Pinheira—juiz Aguiar, por impedimento Lima, escrivão Silva Pereira.

Fafé. João Pinto Lopes e mulher—c. José Pinto Lobo e mulher e outros—juiz Seabra, escrivão Albuquerque.

Valença. O bacharel Alexandre Xavier Torres e Sá—c. Joaquim José d'Azevedo e mulher—juiz Lima, escrivão Cabral.

Arcos. Francisca Josepha da Rocha e outros—c. José Theotônio Cerqueira—juiz Sarmento, escrivão Sarmento.

Miranda do Corvo. Antonio Joaquim Corréa Lobo e mulher no inventario de Margarida Joaquina—juiz Cerqueira, escrivão Silva Pereira.

Mogadouro. Rosa Fernandes—c. Maria Joaquina Garcia—juiz Sousa, escrivão Albuquerque.

Aggravos

Barcellos. Joaquim Antonio de Faria Lopes—c. Maria Joaquina da Silva Mattos—juiz Aguiar, escrivão Sarmento

Julgamento de causas assignado para o dia 9 de dezembro

Appellações crimes

Celorio de Basto. O M. P.—c. Joaquim Nunes de Carvalho.

Idem. O M. P.—c. Manoel José da Costa Cabeças.

Ovar. O M. P.—c. Antonio Valente.

Aggravos

Oliveira do Bairro. José Joaquim d'Oliveira—c. O M. P.

SUPR.º TRIBUNAL DE JUSTIÇA

Autos propostos na sessão de 2 de dezembro de 1862

Julgamento ordinario

N.º 9:738—Relator o conselheiro visconde

de Portocarrero—Autos civis da relação do Porto, recorrente a fazenda nacional, recorrido José Pereira dos Santos e Castro e sua mulher.

N.º 9:757—Relator o conselheiro visconde de Lagoa—Autos civis da relação do Porto, recorrente a fazenda nacional, recorrida D. Anna Albina Alves de Sousa.

N.º 9:731—Relator o conselheiro Sequeira Pinto—Autos civis da relação do Porto, recorrente a fazenda nacional, recorridos Bernuado Carneiro Vieira de Sousa e mulher.

N.º 9:168—Relator o conselheiro Sequeira Pinto—Autos civis da relação do Porto, recorrente Aniceto Constantino Pimenta, recorridos D. Maria Xavier Quesado, viuva e outros.

Conferencias

N.º 5:200—Relator o conselheiro visconde de Portocarrero—Autos crimes de agravo de instrumento da camara de Miranda do Douro, agravante Francisco Affonso, aggravado Didaco de Jesus Affonso (padre).

N.º 5:543—Relator o conselheiro visconde de Portocarrero—Autos crimes da relação do Porto, recorrente o ministerio publico, recorrido Custodio Vieira.

N.º 5:379—Relator o conselheiro visconde de Portocarrero—Autos crimes da relação do Porto, recorrente o ministerio publico, recorrido Francisco Manoel de Almeida e outro.

N.º 4:948—Relator o conselheiro Ferrão—Autos crimes da relação do Porto, recorrente Francisco Antonio Iseda=Guiné, recorrido o ministerio publico.

N.º 9:394—Relator o conselheiro visconde de Lagoa—Autos civis da relação do Porto, recorrente Joaquim da Silva Petis e Caetano da Silva Moutella, recorrido o ministerio publico por parte da fazenda nacional.

N.º 5:473—Relator o conselheiro Sequeira Pinto—Autos crimes da relação do Porto, recorrente Antonio Fernandes, recorrido Antonio de Sella Falcão e o ministerio publico.

PARTE OFFICIAL

TIBUNAL DE CONTAS

No processo de julgamento da conta da camara municipal do concelho de Oliveira de Azemeis, desde 1 de julho de 1860 até 30 de junho de 1861, se proferiu no tribunal de contas o accordão do teor seguinte:

Accordam os do conselho no tribunal de contas:

Vista a conta corrente da camara municipal do concelho de Oliveira de Azemeis, relativa á sua gerencia no periodo decorrido desde 1 de julho de 1860 até 30 de junho de 1861;

Vistos os documentos justificativos da mesma conta;

Vistas as leis e regulamentos relativos á arrecadação e contabilidade publica e, especialmente, os decretos com força de lei n.ºs 1, 2 e 3 de 19 de agosto de 1859, e o regimento do tribunal de 6 de setembro de 1860;

Visto o relatorio a fl.;

Considerando achar-se provado que o debito importa em réis..... 4:714\$359

a saber:

Pelo saldo da conta anterior..... 398\$134

Receita ordinaria..... 4:122\$725

Dita extraordinaria..... 169\$300

Cobrança de dividas activas..... 24\$200

4:714\$359

Considerando importar o credito em réis..... 4:714\$359

a saber:

Despesa obrigatoria..... 4:208\$389

Pagamento de dividas passivas..... 12\$250

Existencia em 30 de junho de 1861

— em metal..... 493\$720

4:714\$359

Considerando que da comparação do debito com o credito resulta achar-se e-to igual aquelle; julgam a presente conta devidamente ajustada, e os gerentes livres e quites para com a fazenda municipal da responsabilidade respectiva á mesma conta; com declaração porém de que não de responder na conta seguinte pelo saldo de réis 493\$720, que n'esta conta se lhes abona.

Lisboa, 18 de julho de 1862. = Nogueira Soares = Margiuchi = Lara = Albergaria. = Fui presente, Ramiro Coutinho.

Está conforme. = Secretaria do tribunal de contas, 28 de outubro de 1862. = Caetano Francisco Pereira Garcez.

Ministerio dos negocios do reino

Professores vitalicios

Luiz Antonio da Silva Gonçalves—nomeado professor da cadeira de ensino primario de Ponte de Estuários, concelho de Ponte do Lima, districto de Vianna do Castello, por decreto de 25 de novembro ultimo.

Francisco José de Sousa—para a de Torrozel, concelho de Ceia, districto da Guarda, por decreto da mesma data.

Antonio Domingues, professor de Ribeira de Fragoas, concelho de Albergaria a Velha, districto de Aveiro—jubilado, com o ordenado por inteiro, por decreto da mesma data.

Antonio Marcellino de Sá, professor de Aveiro—pura e simplesmente jubilado por decreto de 25 de novembro ultimo, ficando sem effeito o decreto de 17 de janeiro de 1860, pelo qual fora concedido ao mesmo professor o augmento do terço do seu respectivo ordenado.

Luciana Barbara da Conceição, mestra de meninas da escola de Santa Isabel, da cidade de Lisboa—transferida para a cadeira de Santa Iria, da ribeira da villa de Santarém, por de 25 de novembro ultimo.

Professores temporarios

Antonio Joaquim Saraiya—nomeado professor da cadeira de ensino primario de Santa Eulalia, concelho de Ceia, districto da Guarda, por portaria de 25 de outubro ultimo.

Candido de Padua de Carvalho Botto—papa a de Lagarinhos, concelho de Gouveia, districto da Guarda, por portaria da mesma data.

Francisco Antonio de Oliveira—para a de Freixo da Serra, no mesmo concelho e districto, por portaria de 3 de novembro ultimo.

Manoel Lourenço Catharina—para a do Troviscal, concelho de Oliveira do Bairro, districto de Aveiro, por portaria de 13 de novembro ultimo.

João Baptista de Carvalho—para de Valbenfeito, concelho de Macedo de Cavalleiros, districto de Bragança, por portaria da mesma data.

EXTERIOR

Dos jornaes do correio d'hontem copiamos o seguinte:

Londres, 24—Segundo diz o Morning Post, a eleição do principe Alfredo de Inglaterra para o throno da Grecia, serie politica. Levantaria consigo reformas constitucionaes. Com o tempo, os gregos conseguirão o que mais appetecem.

No caso de eleição, a Inglaterra dará a sua negativa ou acceitação, segundo o interesse da Grecia e da Europa.

Paris, 25—A «Patrie» e outros jornaes combatem os projectos da Inglaterra, acerca da Grecia.

O «Times» combate tambem a candidatura do principe inglez.

Parece que o imperador resolveu que em quanto viver o papa, não se torna a tratar da evacuação de Roma.

O jornal a «France» mostra-se inquieto em consequencia dos boatos que correm de que a Inglaterra tencionava estabelecer um deposito de carvão na ilha de Lemnos.

Mac-Clellan acceitou a candidatura que o partido democratico lhe offerceu para a presidencia nas proximas eleições.

Sahiu de Toulon um navio para reforçar as forças navaes da França na Grecia.

Vienna, 26—O ministro disse por occasião da discussão do orçamento, que não póde diminuir-se o exercito austriaco em quanto as outras potencias não diminuirem o seu.

Turin, 26—Os discursos da esquerda continuam sendo virulentos. Nicotera foi repetidas vezes chamado á ordem pela camara. Hoje deve fallar Ratazzi. Talvez se vote esta noite.

Londres, 26—A maior parte dos jornaes e os mais importantes, combatem a candidatura do principe Alfredo, que o governo parece apoiar. Outros julgam que só finge apoiar, para afastar outras candidaturas reaes; e que a Grecia acabe por constituir-se em republica.

Paris, 26—Dizem da Russia que o governo não apoia directa nem indirectamente a candidatura de Leuchtemberg.

O «Correio dos Estados Unidos» de 6 publica, em forma de despacho dirigido no dia 4 ao forte Monroe, a seguinte nota:

«O navio de guerra inglez «Rinaldo» aproximou-se ao forte do Canal-street, em Nova-Orleans, e tomando uma attitude hostil pediu ás auctoridades que se pozesse em liberdade James Lime, tendeiro e subdito britannico, prisioneiro no forte Pickens, e uma indemnisação de 100.000 dollars.

«O general pediu um praso de dez dias para pôr isto ao conhecimento do governo de Washington, o que lhe foi concedido.»

Lê-se n'um jornal belga:

«Temos uma noticia que é da maior importancia, se, como se assegura, é de rigorosa exactidão, em quanto ao preço da venda.

Uma sociedade franco-ingleza, estabelecida para a exploração das florestas do Canadá, mandou para Paris, como amostra, 80 carvalhos, de uma belleza surpreendente, a preço de 130 francos o decastere; entregue, livre de todas as despesas, nos armazens do comprador.

Diz-se que a companhia se offerce para fornecer á marinha franceza madeira de primeira classe.

O facto é muito sério e aconsella circumspecção aos negociantes de madeira de construção.»

Sobre a questão romana publica o «Globe» o seguinte artigo:

«Na nota de Mr. Drouyn de Llouys está confirmado tudo quanto temos dito sobre a politica franceza na Italia. O que faz aqui o ministro? Em primeiro logar desdenha da ideia de que a circular do general Durando dê fundamento para uma negociação. Deve recordar-se de que o general Durando fallava em termos bastante explicitos acerca de Roma.

«Muito bem; o ministro francez acaba de dizer, pouco mais ou menos, que o referido ministro havia supposto, que em recompensa da derrota de Garibaldi, ia a Roma ser convocada. Loucura suprema! A França foi á Italia para proteger o papa contra os anarchistas, e estes ainda subsistem; a França tem feito immensos

serviços aos italianos, e ali estão Magenta e Solferino que o attestam.

«Reconheceu o novo reino, mas, segundo Mr. Drouyn de Llouys, declarou sempre que o nome em que pensava era em deixar Roma. D'onde pôde pois, o general Durand, ou qualquer outra pessoa, deduzir a ideia de que a cidade eterna ia ser evacuada pela sua eterna guarnição?»

«Que pensava Rattazzi de tudo isto?»

«Disse-se que a evacuação de Roma seria uma violação da politica tradicional franceza na Italia. Logo, essa politica e a austriaca parecem-se, e chegam mesmo quasi a confundir-se. Essa politica consiste em conservar a Italia, em deixar aberto o campo a uma illegitima influencia, em poder decidir do seu destino, do seu desenvolvimento, do seu futuro. E Mr. Drouyn de Llouys reclama por isto um agradecimento.

«A Italia deve sem duvida estar reconhecido aos vencedores de Solferino e Magenta; mas tambem deve estar aos de Melazzo, Voltorno, e Castelfidardo. Gratidão a quem lhe fecha as portas de Roma é impossivel. A gratidão é uma coisa excellente, mas de todas as virtudes é a que vive menos, e anguramos que a dos italianos para com o governo francez, já mui diminuida por culpa delle, ha de afinal acabar de todo.

Mr. Drouyn de Llouys é mui explicito. O governo francez, diz elle, nunca deu ao Piemonte nem a Italia, motivo algum para que esperasse o sacrificio de Roma, ou do papado aos seus interesses. Esta declaração deve soar excellentemente aos ouvidos dos italianos, quanto ao passado; pelo que toca ao presente, o despacho ali está, e não carecemos de acrescentar uma unica phrase ao seu texto; pelo que diz respeito ao futuro, quem se atreverá a re-ponder por elle? quem sabe se chegará uma época em que o governo francez trate com Turim e não com Roma sobre as condições «comerciaes» da entrega d'esta ultima á nação? Comtudo não somos prophetas, e não queremos arri-car-nos a construir palacios de cartas, que o menor sopro bastaria para derrubar.

«São questões que não de surgir — que já têm surgido na mente dos italianos. Os torys inglezes da escola de Israeli, cujo amor ao papa não conhece limites, estão contentes; o povo italiano calla-se, esperando não sabemos o que. Talvez o parlamento de Turim se encarregue de interpretar este silencio da nação.»

VARIEDADES

Theatros de Lisboa. — (Do «Jornal do Commercio»:) — O theatro da rua dos Condes foi construido em 1770 pelo architecto Petronio Manzoni.

O theatro do Salitre foi feito por Simão Caetano Nunes, em 1782, e naturalmente tambem a praça contigua.

Cyrillo Valkmar Machado, fallando de Simão Caetano Nunes, diz que, depois de Lourenço da Cunha, fora elle o architecto decorador mais acreditado de Lisboa.

Pôde ser que Caetano Nunes fosse um bom architecto decorador, mas architecto constructor ninguém dirá que elle fosse, á vista da obra que deixou como monumento da sua sciencia architectonica.

Diz o mesmo Cyrillo que o theatro do Salitre fora feito para o acrobata Perry executar os seus equilibrios.

Houve no palacio do conde de Soure, sito na travessa do mesmo nome, do Bairro Alto, um theatro que foi construido por Lourenço da Cunha, talvez pelos annos de 1750.

Lourenço da Cunha, pae do celebre José Anastacio da Cunha, foi, segundo Cyrillo, o melhor pintor de architectura e perspectiva que houve em Lisboa.

O outro theatro do Bairro Alto, no pateo do Patriarcha, a S. Roque, foi construido por Joaquim da Costa, em 1812.

O grande theatro de Lisboa foi o theatro regio, construido por João Carlos Bibiciera em 1753, por ordem de El-Rei D. José I, no paço da Ribeira no Terreiro do Paço. Era uma fabrica grandiosa, não só pela magnificencia da sala, senão tambem pelo luxo das decorações. Em quanto se não construiu o grande theatro regio, fez-se um theatrinho na casa da India, para a corte.

João Carlos Bibiciera fez depois o theatro do paço da Ajuda e do paço de Salvaterra.

No tempo de El-Rei D. João V começou a musica a ser muito estimada na corte de Lisboa, e El-Rei D. José dava-lhe muito apreço, mandando vir para a capella real e para o theatro regio os melhores cantores do tempo e muito notaveis mestres, como David Peres.

Quando foi o rompimento com a corte de Roma, em 1760, El-Rei D. José, por decreto de 2 de setembro d'aquelle anno, concedeu carta de naturalisação a todos os musicos italianos, da patriarcal, subditos do Papa, e aos criados da sua casa da mesma nação, determinando que as cartas lhes fossem dadas isentadas de todos os emolumentos e direitos de mercê.

Os espectaculos no theatro regio eram muito apparatusos. Procuravam-se os melhores machinistas para montarem as peças e os representavam, sendo sempre operas italianas.

Ainda se encontram hoje folhetos das operas representadas nos theatros regios, tendo as vistas gravadas a agua forte, e impressos em Italia alguns d'elles.

Á caça e a musica foram os divertimentos predilectos da corte de El-Rei D. José. As festas da patriarchal eram verdadeiras funcções mu-

sicaes; e além do theatro havia muitas vezes concertos no paço, o que já era vulgar em tempo de El-Rei D. João V.

Em tempos mais antigos houve um theatro no sitio onde agora está o tribunal da Boa-Hora, antes convento de Agostinhos Descalços.

Chamavam a esse theatro «Pateo da Comedia», naturalmente por ter a plateia descoberta, pois então era uso os espectaculos serem de dia. Ainda hoje ao pateo onde era o theatro do paço da Ajuda, se chama o pateo da Opera, mas esta denominação não se pôde confundir com a do pateo da Comedia, pois que assim como ha o pateo das Vaccas, etc, e que são pateos na accepção usual do vocabulo, por serem largos interiores cercados de casas ou habitações.

O «Pateo da Comedia», sito no fim da rua Nova do Almada, no sitio chamado Fangas da Farinha, ficava contiguo ao palacio do visconde de Barbacena, no qual havia uma tribuna para ver os espectaculos. Não sabemos se esta tribuna era no proprio palacio sobre a sala do theatro ou se havia algum passadiço do palacio para o theatro.

Em 1633 acabou o theatro, porque o visconde de Barbacena deu o Pateo da Comedia aos padres dominicos irlandezes, que vieram a este reino emigrados.

Os padres irlandezes andavam por ali sem terem casa, e por isso o visconde de Barbacena lhes deu o theatro para a sua accommodação, parecendo, portanto, que o theatro era propriedade sua, que elle alugava.

Os padres irlandezes dos camarotes fizeram cellas, pondo-lhes umas esteiras para os fecharem, e do tablado fizeram uma capella de madeira de pinho pintado.

Depois os padres irlandezes, ou hybernos, como lhes chamavam, passaram para o Corpo Santo.

No extincto Pateo da Comedia se estabeleceram depois os padres oratorianos, os quaes, passando para sua casa do Espirito Santo da Pedreira, vieram substituir os frades Agostinhos Descalços.

Hoje, no local do velho theatro de Lisboa, está outro theatro, onde se representam tantas comedias burlescas e tantos dramas horrorosos. Depois de passados dois seculos, o antigo local das Fangas de Farinha voltou a ser theatro, e theatro onde se representam as scenas da comedia humana, ora comica, ora terrivel e pavorosa.

NOTICIARIO

Alta de preço. — Os marchantes subiram 5 réis no preço de cada meio kilogramma de carne de vacca, e dizem-nos que é para ir dispendo os consumidores porque tencionam elevar a mais 5 réis.

Se a camara não arrematando o fornecimento da carne teve em vista beneficiar o povo, não logrou o intento, por que embora se jámos sempre pelo commercio livre, em Aveiro não o pôde haver com o fornecimento da carne, porque havendo apenas dois marchantes, e estando estes conluados, o monopolio existe da mesma forma.

Se a carne fosse arrematada, já todos sabiam porque preço a tinham a pagar durante esse tempo; mas que nós estamos ali á mercê de dois homens que já estão ricos, mas ainda mais ricos querem ser á custa do povo, não se pode sofrer.

A camara deve attender a este estado, procurando beneficiar o povo. Quando não haja outro meio deve abrir talhos por sua conta, como o fez uma das vereações passadas que prestou ao concelho excellentes serviços, lucrou muito dinheiro e livrou-nos das garras d'estas novas harpias.

Tenha a camara quem bem fiscalise este ramo de serviço e de nada se arreceie. Creia que os seus municipes lho agradecerão, n'esta occasião principalmente em que todos os generos alimenticios tem chegado a preço tão elevado.

Despachos judiciaes. — Bacharel Antonio Carlos da Maia, que era juiz de direito da comarca de Benavente, de 3.ª classe — promovido, precedendo consulta do supremo tribunal de justiça, ao lugar de juiz de direito da comarca de Monte-mór-o-Novo, de 2.ª classe, vago por ter ficado no quadro da magistratura o bacharel Francisco Antonio da Cunha Abreu Tavares.

Bacharel Miguel Osorio Cabral, que era auditor do exercito — promovido, precedendo consulta do supremo tribunal de justiça, ao lugar de juiz de direito da comarca de Cintra, de 2.ª classe, vago pela promoção do bacharel Antonio Bernardo de Amorim da Guerra Quaresma.

Bacharel Diogo Antonio Correia de Sequeira Pinto Junior — transferido, como requerer, do lugar de juiz de direito da comarca de Sinfães, de 3.ª classe, para identico lugar de juiz da comarca de Cuba, da mesma classe, vago pela promoção do bacharel Simão da Cunha d'Eça e Costa.

Bacharel José Joaquim Rodrigues — transferido, como requerer, do lugar de juiz de direito da comarca de Miranda do Douro, de 3.ª classe, para identico lugar de juiz da comarca de Sinfães, da mesma classe.

Bacharel Filipe Joaquim Henriques de Paiva — transferido, como requerer, do lugar de juiz de direito da comarca de Castro Daire, de 3.ª classe, para identico lugar de juiz da comarca de Benavente, da mesma classe.

Bacharel Hyppolito José Pereira, que era delegado do procurador regio na comarca de Elvas — nomeado para o lugar de juiz de direito da

comarca de Almodovar, de 3.ª classe, vago pelo ultimo despacho do bacharel Manoel Pedro Sergio de Faria Azevedo.

Bacharel José da Rocha Fradinho, que era delegado do procurador regio na 5.ª vara da comarca de Lisboa — nomeado para o lugar de juiz de direito da comarca de Arouca, de 3.ª classe.

Bacharel João Rodrigues de Araujo Taveira, que era delegado do procurador regio na comarca de Vianna — nomeado para o lugar de juiz de direito da comarca de Castro Daire, de 3.ª classe.

Bacharel João Ignacio Barreto da Gama, que era delegado do procurador regio na comarca de Argauil — nomeado para o lugar de juiz de direito da comarca de Figueiró dos Vinhos, de 3.ª classe.

Bacharel Alexandre Marques da Paixão, que era delegado do procurador regio na comarca de Covilhã — nomeado para o lugar de juiz de direito da comarca de Mangualde, de 3.ª classe.

Bacharel José Joaquim Vieira, que era delegado do procurador regio na comarca de Braga — nomeado para o lugar de juiz de direito da comarca de Miranda do Douro, de 3.ª classe.

Bacharel Firmino de Sequeira Teixeira Manso, que era delegado do procurador regio na comarca de Beja — nomeado para o lugar de juiz de direito da comarca do Sabugal, de 3.ª classe.

Bacharel José Maria Dias Vieira, que era delegado do procurador regio na comarca de Penafiel — nomeado para o lugar de juiz de direito da comarca de Villa Franca do Campo, de 3.ª classe, na ilha de S. Miguel, vago pelo ultimo despacho do bacharel José da Cunha Navarro de Paiva.

Despachos ecclesiasticos. — Por decreto de 26 de novembro, tiveram logar os seguintes despachos:

O presbytero Joaquim da Rocha Pinto e Sousa, bacharel formado em direito, parochio collado na igreja de S. Martinho de Rezezinhos, na diocese do Porto — apresentado em canonicato da sé cathedral do Porto.

O presbytero José Simões Gomes, bacharel formado nas facultades de direito e theologia pela universidade de Coimbra, beneficiado da collegiada de S. Martinho de Cedofeita — apresentado em um canonicato da sé cathedral do Porto.

O presbytero Antonio Maria Pessoa — apresentado na igreja parochial de Nossa Senhora da Conceição, do Seixal, na diocese de Lisboa.

O presbytero Antonio Pereira da Silva — apresentado na igreja parochial de S. Lourenço, de Villa Nogueira de Azeitão, na diocese de Lisboa.

O presbytero Francisco de Vasconcellos — apresentado na igreja parochial de Nossa Senhora da Assumpção, da Azambuja, na dita diocese.

O presbytero Guilherme Antonio de Pinna — apresentado na igreja parochial de S. Pedro, da Beberriqueira, na mesma diocese.

O presbytero João Baptista de Carvalho, bacharel formado em theologia — apresentado na igreja parochial de Santa Maria, do Pinheiro Grande, na referida diocese.

O presbytero Joaquim Bernardino de Sena Raposo — apresentado na igreja parochial de Nossa Senhora das Neves, de Ribafeita, na diocese de Vizeu.

O presbytero Joaquim Correia de Barros e Sá, tendo sido declarado sem effeito, por assim o haver pedido, o decreto de 14 de maio ultimo, pelo qual foi apresentado na igreja de Nossa Senhora da Graça, de Móra, diocese de Évora — apresentado na igreja de S. Bento, do Mato, da mesma diocese.

O presbytero José Martins Xavier — apresentado na igreja parochial de Nossa Senhora da Boa Viagem, da Moita, na diocese de Lisboa.

O presbytero Luciano Augusto de Azevedo — apresentado na igreja parochial de Nossa Senhora da Graça, das Areias, na diocese de Lisboa.

Boato. — Diz-se que o sr. Salamanca apresentara propostas ao governo para continuar a via-ferrea de Lisboa ao Porto, pela provincia do Minho.

Boatos reaes. — Sua magestade el-rei D. Luiz, mandou dar a quantia de 120,000 rs. ao asylo de mendicidade, e 100,000 rs. ás casas d'asylo de infancia desvalida de Lisboa.

Documento assás curioso. — O periodico intitulado a «Voz do Alentejo», que se publica na cidade de Elvas, transcreve do livro das actas da camara d'aquelle cidade o termo, que no mesmo livro se acha lançado a fl. 86 e 86 v., relativo á aclamação d'el-rei D. João IV, o qual é como se segue:

SOBRE A INSTIUIÇÃO DA PROCISSÃO D'ACLAMAÇÃO

Aos trinta dias do mes de novend.º de mil e seiscentos e quarenta e hu anos nesta Cidade delvas na camara della estando presentes o yuis de fora yoaam da fousequa de mendensa fernaõ mendã dabreu gonsalo lobo enserrabodes verindores e y.º frausto borralho p.º da Cidade e doutor urbano de goveia provedor nesta cidade delvas e o doutor nicolau dias tinoquo c.º desta Cidade delvas assentaraõ q. no dia seguinte se fizesse hua prosisaõ geral com solenidade das principaes do ano por quanto é semelhante dia do ano passado se fizera a felisse aclamação d'el-rei dom yoaam e quatro que ds garde e tivera principio a Ristauração e liberdade deste Reino e que a dita prosisaõ por memoria sefaria todos os anos do que se dara conta a Sua mag.º para que sendo servido continuasse e bem como fosse

servido a confirmasse por pr este termo que todos a-sinã e masq.ºº escrivão da camara o es fouseca — masq.ºº — fr.

Incendio terrivel. — No vembro manifestou-se em Lond. incendio, de que o «Sun» dá a

cia: «Esta tarde, ás 5 horas, rebentou um incendio em Blackfriars, na margem do Tamisa, do lado de Middlesex. O fogo está no seu apogeu, e hora em que escrevemos. Este incendio recorda o que ha mezes durou n'estos dias.

O fogo pegou em casa de MM. Carlos Price & C.º, em William Streete, Blackfriars, fabrica de terebentina, resina e breu.

E' difficil n'aquelle localidade o trabalho das bombas, e por isso o fogo lavra com uma espantosa intensidade.

Receia-se pelas officinas de uma companhia de gaz, cujo gazometro, no momento em que o fogo começou, estava cheio.

A maré estava baixa, ondas de oleo inflamado, proveniente da fabrica, invalidam o leito da parta vasa, nas bordas do Tamisa, de modo que parece que metades do rio está ardeendo. A chamma vai lambear os arcos da ponte de Blackfriars.

As 6 horas pegou fogo na fundição de Chamberlain & Gervan. E' agora mais que nunca imminente o perigo da fabrica de gaz.

As bombas chegaram de todos os lados, porém parece que não produzem nenhum effeito no immenso brazeiro.

As 6 e meia o incendio continua com uma furia sem igual.

Susto. — Diz o *Diario do Povo* que n'uma das noites passadas fazia uma ventania terrivel, estava escurissima a atmosphaera.

As sentinellas das cadeias da Relação estavam caladas, como que compadecendo-se dos pobres presos, que ha umas seis noites não sabiam o que era dormir por mais que um quarto de hora, por causa da maldita berriquia.

Neste comenos ouviu-se um grande estrondo. Uma das sentinellas chamou immediatamente ás armas! Acodem os seus companheiros, e perguntam:

— Que é?

— Cahiú lá de cima um preso.

— Está vivo ou morto?

— Não sei. Examinemos.

Approximam-se do logar aonde ouviram o choque do corpo que cahiú de cima, e ficaram estupefactos quando viram d'elles um... grande tubo de folha, que servia de condutor do fumo do fogão, que no tribunal co-tuma aquecer os juizes.

Horror dos horrores. — A correspondencia do Havre relata as atrocidades cometidas pelos imperiaes chinezes nos prizoineiros rebeldes.

Esta narração é escripta por um inglez, que na companhia de muitos officiaes francezes e inglezes assistiu ás horribes execuções, de que dá a seguinte noticia:

«De envolta com a multidão, fui assistir á execução dos prizoineiros taipings, que tinham sido entregues aos mandarins pelas autoridades inglezas e francezas, que não tomaram nenhuma medida para prevenir a cruel carnificina.

Horror dos horrores! Como de-crever a espantosa scena de matança, que nunca poderei esquecer?!

Entre aquelles desgraçados havia jovens e velhos, dos dois sexos, de todas as edades e tamanhos, desde o recém-nascido até ao vacillante octogenario, desde a anciã até á rapariga de dez a quinze annos.

Estas ultimas foram lançadas pelos guardas á tropa de bandidos ali reunida, entregues a todos os ultrages e depois arrastadas pelos cavallos até ao logar da execução, aonde esperavam a sua vez!

Algumas desmaiaram e foram arrastadas pelo chão até aos carrascos, que as lançavam aos hombros, rasgando-lhes os vestidos e abriam-lhes o ventre para lhes arrancar as entranhas!

Depois que a padecente tinha soffrido esta horrivel atrocidade, o carrasco mettia a mão no tronco do corpo e arrancava o coração palpitante ainda!

Durante todo este supplicio a victima tinha a vista fixa no executor.

Uma joven mulher, que apparentava achar-se no oitavo mez da sua gravidez, e que não tinha exhalado nem um gemido nem um suspiro durante os insultos e crueldades que soffreu da multidão, vendo o seu filho arrancado das suas entranhas pelo carrasco, deu um grito doloroso e pungente, capaz de commover um tigre, e quando o menino lhe foi lançado sobre o peito, com um esforço sobrehumano desprendeu os braços das mãos d'aquelles que a seguravam, apertou o filho contra o coração descoberto e morreu segurando o filho com uma força tal, que foi impossivel separal-os, sendo os dois cadaveres atirados ao montão onde estavam os outros!

Uma outra joven mulher esperava entre os prizoineiros a sua vez de ter as entranhas arrancadas: um menino de dez mezes cantava e saltava nos seus braços, dos quaes l'ho tiraram para, á vista da mãe, lhe metterem a faca no seio innocente!

Os recém-nascidos eram tirados do peito das mães e na presença d'ellas lhes arrancavam as entranhas!

Aos jovens vigorosos abriam-lhes o ventre, arrancavam-lhes as entranhas e mutilavam-nos depois.

Como soldado, tenho me achado em muitas

...ultimos vinte annos, e em
...ingulenta, que depois hor-
...rém, nunca vi, nem ouvi, nem
...que possa comparar-se á atroc-
...idade das execuções pelo arran-
...anhas!...

...ente, extraordinario que os ingle-
...em semelhantes atrocidades.
...re F... que foi commigo ver a exe-
...cahiu num profundo desmaio. Agora está
...do furioso, em consequencia da impressão
...que lhe causou aquella horrivel carnificina!

Naufragio. — Pelas 11 horas da noite de
3 do corrente naufragou na Vaguaira, a 2 leguas
d'Aveiro, a escuna ingleza «Elisabeth of Wis-
bech», capitão J. T. Rose, procedente de Lon-
dres com destino a Lisboa, carregada d'assucar,
melaço, chá, chumbo, tintas e outros objectos.
Salvou-se a tripulação que se compõe de 5 ho-
mens.

Apenas houve noticia do naufragio, o navio
foi invadido por uma hoste de canivães que, es-
quecendo as leis da humanidade, em vez de da-
rem agasalho a esses tristes naufragos, não só os
despojaram de suas roupas e todos os seus have-
res, mas até os ameaçaram com a morte!!

O capitão chegou a esta cidade descalço
por que até os sapatos lhe roubaram, e o relógio
com tanta precipitação lh'o sacaram, que até o
bolço foi pegado!

Só no dia 4 á 1 hora da tarde é que chegou
á alfandega d'esta cidade a noticia do naufragio;
o sr. director requereu logo força ao sr. governa-
dor militar que ás 3 horas da tarde ainda não tin-
ha marchado.

Os empregados d'alfandega e do contracto do
tabaco partiram logo.

Por participação official do empregado d'al-
fandega, datada hontem das 5 horas da tarde se
sabe que todo o volume e massame estavam já
roubados, e do mesmo modo parte da carga. Pa-
rece que horas antes havia já passado no sitio
da Cambeia uma bateira em direcção á Murtosa
carregada de objectos roubados e pertencentes á
escuna.

Deram-se logo as providencias para serem
aprehendidos esses objectos, mas é de crer que
elles estejam já a bom recato.

No entretanto é indispensavel infligir um
castigo severissimo a estes selvagens que no meio
de um paiz civilisado estão commettendo actos
que envergonhariam os proprios hotentotes.

Provimto d'agravo. — Foi provi-
do por accordam da Relação do Porto do dia 23
de novembro o agravo que para aquelle tribu-
nal tinha interposto o sr. dr. Agostinho Lobo de
Figueiredo, pronunciado pelos acontecimentos do
Bragal.

Folgamos que fosse reconhecida a innocen-
cia do sr. Lobo, que sempre tivemos e temos por
incapaz de tomar parte em actos de vandalismo
como os que tiveram logar no dia 15 d'agosto.

Fecundidade. — De S. Thiago de Cacem
communicam á «Opinião» as seguintes noticias:
«A mulher de Antonio Durães, official da
administração d'este concelho (Cacem) deu á luz
duas creanças; uma morta de trez mozes e outra
viva de nove mezes. Os medicos que se occupem
em explicar este phenomeno.

Na mesma noite, a mulher de Jacintho Ro-
drigues teve dois filhos que ambos vivem, e n'u-
ma povoação rural outra mulher deu á luz igual-
mente duas creanças.

Haverá dois mezes que a mulher de João
Malacaio da villa de Sines teve o seu bom suc-
cesso, dando á luz trez creanças, uma das quaes
morreu logo, mas as outras duas estão vivas e
fortes.

Por esta forma não duvidamos affirmar, que
o concelho de S. Thiago de Cacem será dentro
em pouco tempo o mais povoado do reino.»

ALCANCE

TELEGRAPHIA ELECTRICA
(Ao Jornal do Porto)

LISBOA 3 DE DEZEMBRO ÁS 9 H. E 15
M. DA MANHÃ

Turin 30.—O ministerio Rattazzi pediu a de-
missão.

Abriram-se as camaras hespanholas. A rei-
nha, no discurso da abertura, mostra desejos de
que o tractado de Londres, relativo á questão do
Mexico seja posto em execução; e lamenta que
por desacordo dos plenipotenciarios se não tenha
executado. E' isto um triumpho para a politica
franceza.

O general Forey chegou a Orizava.
O governo mexicano fortifica-se na capital.

CORREIO

Ainda mais uma vez nos faltou carta do
nosso correspondente de Lisboa.

Os dois boatos que ultimamente se espalha-
ram, o primeiro relativamente á revalidação por
S. M. El-Rei do casamento do sr. duque de Loulé
com a infanta a sr.^a D. Anna, e o segundo
sobre o novo emprestimo que o governo queria
contrair, são desmentidos pelo jornal official, e
d'este desmentido mostra-se que o sr. duque de
Loulé não precisa de tal revalidação para a suc-
cessão de seus filhos nos vinculos que adminis-
tra.

O correspondente do «Commercio do Porto»
diz em data de 2 de dezembro que tinha verifi-
cado em presença de um documento autenticó
que o sr. duque de Loulé celebrára o seu casa-
mento com a sr.^a infanta D. Anna em 5 de de-

zembro de 1827 no paço de Queluz na pre-ença
da imperatriz a sr.^a D. Carlota Joaquina, na do
seu capellão Sebastião José Martins e na do seu
viador João da Cunha. D'este documento tam-
bem se vê que o sacerdote que administrou o sa-
cramento foi o capellão da mesma imperatriz
Francisco André Affonso Párra. O assento d'este
casamento foi lavrado no livro 2.^o dos casa-
mentos occultos ou de consciencia. Tem-se extrai-
do d'este assento diversas certidões, sendo para
notar que para se effectuar o dito casamento pre-
cedeu despacho do ex.^{mo} Cardeal Patriarcha, e
dispensa de proclamas.

Em quanto ao segundo boato o desmentido
não é tão completo. Vê-se que o governo teve
tenção de realizar o dito emprestimo, mas que
por circunstancias que nós não podemos ou não
queremos avaliar sobre-esteve, ou talvez recon-
siderasse, n'este negocio Transerevenos do «Dia-
rio de Lisboa» de 26 do corrente o que sobre
tal objecto diz:

«Alguns periodicos, alludindo a uma por-
taria expedida ao banco sobre a venda de ins-
cripções, chamam-lhe um novo emprestimo, de
que o governo carece para acudir ás necessida-
des do thesouro, por ter consumido já o que ul-
timamente levantára em Londres, e fazem a este
respeito outras considerações com o intuito de
desacreditar o governo.

«Estamos authorisados para declarar que
aquelles periodicos foram mal informados, pois
o producto do emprestimo levantado em Lon-
dres, sobre 5.000.000 sterlinos nominaes, com
destino aos caminhos de ferro, está na maior
parte ainda disponivel para ir tendo successiva-
mente a sua applicação legal; e longe de se
tractar de novos emprestimos pela venda de ins-
cripções, tracta-se, pelo contrario, de amortisar
emprestimos antigos levantados sobre inscripções,
para lhes reduzir o juro.»

«Varios periodicos teem publicado a noticia
de que o governo fizera um emprestimo ou adian-
tamento de 500.000.000 réis a um alto persona-
gem.

«Estamos auctorisados para declarar que
taes periodicos foram mal informados, pois é com-
pletamente destituída de fundamento semelhante
noticia.»

Na 1.^a d'estas declarações o governo não ne-
ga o facto de haver sido expedida uma portaria
ao banco relativa á venda dos 2,000 contos de
inscripções. O que faz é contestar que elle tives-
se a denominação de novo emprestimo.

Mas esta declaração official não nos surpre-
hendeu. Tinhamos até fundada razão para a es-
perar. No dia 28 do mez passado escrevendo nós
para a «Correspondencia de Portugal» o estado
do nosso mercado de fundos, o que fazemos sem-
pre em conformidade das mais escrupulosas e fi-
dedignas informações, pois que em assumpto tão
sérios não se faz politica, dissemos o seguinte:

«Poucos dias depos do nosso ultimo nume-
ro tivemos a subida que previramos, nos nossos
fundos em Londres.

«Depois do dia 16 do corrente fizeram-se
naquella praça avultadas transacções até 47
1/2 0/0. Na nossa praça appareceram logo compra-
dores para porções importantes a 45 1/2 pelos nos-
sos fundos internos (inscripções), sem o juro do
semestre corrente, a 47 com elle. Os preços sub-
iram subitamente a 46 sem juro ou 47 1/2 com
elle.

«Começava a firmar-se este preço para gran-
des porções, e os cambistas já pediam mais 1/4
0/0 quando se espalhou a noticia de uma portaria
dirigida pelo ministro da fazenda ao banco de
Portugal perguntando-lhe porque preço este esta-
belecimento podia fazer uma venda de 2.000 con-
tos de réis de fundos inteiros. Uma tal noticia
paralysoou desde logo o mercado, mas esperamos
que não passará d'esta paralyzação o effeito da
portaria, que é em verdade a mais inconvenien-
te de que temos tido noticia, e esperamos até
que se tratará de fazer considerar semelhante
portaria como nunca existindo, ou como uma
simples curiosidade de saber o estado do mer-
cado, que, como dissemos, é hoje de paralyza-
ção, não podendo nós por isso dar cotações senão
nominaes.»

O sr. marquez da Fronteira foi nomeado ve-
dor da casa de S. M. a rainha, cargo que já
exercia no tempo da rainha a sr.^a D. Estefania
sem retribuição.

E-perava-se que o baile que devia ter lugar
no palacio da Ajuda na noite de 3 do corrente
fosse sumptuosissimo. As cartas de convite para
este baile diziam assim:

Real Paço da Ajuda 28 de novembro de
1862.

O camarista de semana, por ordem de SS.
MM. tem a honra de prevenir o ill.^{mo} e exc.^{mo}
sr.
que está convidado para o baile, que os mesmos
augustos senhores hão de dar no real palacio de
Ajuda no dia 3 de dezembro.

A reunião será ás 9 horas da noite.
Os srs. militares e empregados publicos, irão
com os seus uniformes, e aquelles que o não são,
com gravata branca, calção, e fivellas nos sapatos.

Este bilhete será apresentado á entrada ao
porteiro da canna.

Em a noite do 1.^o do corrente tinha havido
em Lisboa na casa do sr. Joaquim Antonio d'A-
guiar uma reunião de muitos pares do reino, de-
putados e outros cavalheiros pertencentes á oppo-
sição. Resolveram n'esta reunião nomear uma
commissão que dirigisse os trabalhos eleitoraes
no reino. A commissão ficou composta dos se-
guintes srs: Aguiar, Fontes, Sebastião de Car-
valho, conde de Peniche, Martens Ferrão, Vicen-

te Novaes, Antonio Rodrigues Sampaio, Euge-
nio d'Almeida, A. de Serpa, Ramiro Coutinho,
Salvador da França, conde de Mello, José Ma-
ria de Abreu, Casal Ribeiro, Serzedello Junior,
marquez das Minas, marquez d'Alvito, Nogueira
Soares, Teixeira de Vasconcellos.

No novo club do Chiadoahi havia uma
assembléa geral, presidida pelo sr. conde de Cas-
tro que ultimamente se tinha associado áquelle
club.

Morreu o sr. Antonio Gomes Segurado, um
dos 7:500 bravos que desembarcaram no Minde-
lo. Era primeiro official do ministerio das justi-
ças.

Consta que o sr. José Joaquim Vieira que
ha pouco foi despachado juiz de direito de Mi-
randa do Douro, vae ser nomeado secretario ge-
ral do governo civil de Braga.

Constava em Lisboa que o sr. Ximenes se-
ria brevemente despachado para o governo de
Moçambique, sendo transferido o sr. Tavares d'Al-

meida actual governador d'aquella provincia, on-
de está ha 6 annos, para o governo geral da In-
dia, regressando por esta forma ao reino o sr.
conde de Torres Novas.

Dizem de Lisboa que as exequias que se ce-
lebraram pelo eterno descanso da alma do sr. Jo-
sé Estevão, na igreja das Mercês, estiveram so-
lemnes e concorridissimas por pessoas de todas as
classes e jerarchias, e que o rev.^o padre Serge-
das se houvera com distincção conseguindo ar-
rancar ao auditorio sentidas lagrimas.

A commissão dos negociantes de Lisboa
encarregada de examinar o ultimo regulamento
das alfandegas, e apresentar o seu parecer, tinha
o effectivamente apresentado, e ia ser discuti-
do pelos outros negociantes e pessoas competen-
tes. Alguns jornaes, avaliando-o, dizem estar um
trabalho primoroso e muito meditado.

Transcrevel o-hemos nos numeros seguintes
do nosso jornal.

ANNUNCIOS E PUBLICAÇÕES DIVERSAS

REVISTA CONTEMPORANEA DE PORTUGAL E BRAZIL

Proprietarios e directores—Antonio de Brederode e Ernesto Biester.

D. José de Almada e Lencastre, biographia,
por J. M. de Andrade Ferreira.

Cesar no Egipto, poesia (tradução), por J.
F. de Castilho.

Passos Manoel, biographia, por L. A. Rebel-
lo da Silva.

Poetas e prosadores, por Camillo Castello

Branco.

Os meus trinta annos, poesia, por Thomaz
Ribeiro.

Relatorio da Sociedade Promotora das Bel-
las Artes em Portugal.

Chronicas literarias, por Ernesto Biester.

CONDIÇÕES D'ASSIGNATURA

NA CAPITAL

Por anno.... 2\$000 rs.

» 6 mezes.... 1\$100 rs.

NAS PROVINCIAS

Por anno.... 2\$500 rs.

» 6 mezes.... 1\$250 rs.

—AVULSO 300 RS.—

O conselheiro Adrião Pereira For-
jaz, de Coimbra, ha de arren-
dar até ao proximo natal, os ilhotes
do Amoroso, e Gallega, na ria de
Aveiro, e freguezia de S. Julião de
Cacia, cujo rendeiro tem sido Manoel
José da Silva Valente, do lugar de
Pardelhas. Aceita lanços sobre o de
75\$000 rs., livres de todas as con-
tribuições.

Pelo cartorio do escrivão Gusmão, for-
rem editos de dez dias, a requerimen-
to de Joaquim dos Santos, da Povoá,
chamando todas as pessoas que se jul-
guem com direito á quantia de 45\$826 rs.
existentes no deposito publico, pertencen-
te a Manoel Abbade, da Costa.

Antonio Pinheiro, recoveiro, parte
d'esta cidade para a de Lisboa
no dia 10 de dezembro proximo; en-
carrega-se da condução de passa-
geiros, e encomendas.

Pouza, nesta cidade, no Ter-
reiro, em casa do ex.^{mo} sr. João Car-
los do Amaral Ozorio,

A folhinha ecclesiastica propria do bis-
pado d'Aveiro, acha-se á venda nesta
cidade na loja de Bento d'Amorim, na
Praça,—em Avelãs de Caminha na re-
zidencia do rd.^o parochio,—no Pinheiro
da Bemposta, em casa de F. J. Mar-
ques,—preço 140 réis.

O PROVIR DAS FAMILIAS

76.000 socios
COMPANHIA MUTUA DE SEGUROS DE
SUPERVIVENCIA

Para formar dotes, ou outras provisões
sendo garantida sua administração
pelo capital de 1.500 contos

Esta acreditadissima Companhia segue seu
caminho de prosperidade; e são prevenidas as
pessoas que nella desejarem interessar-se, que ain-
a podem entrar, de modo que venham a fruir
odas as vantagens, dos que se associaram em
aneiro deste anno, que fica logo vencido.

Para mais detalhes podem dirigir-se a Agosti-
nho Duarte Pinheiro e Silva, correspondente da
Companhia em Aveiro, ou ao sub-director geral
no Porto.

Tambem toma seguros contra incendios pa-
ra a Companhia União, assim como maritimos.

DISCURSOS

DE

JOSÉ ESTEVÃO COELHO DE MAGALHÃES

PRONUNCIADOS NA CAMARA
DOS DEPUTADOS EM DIFFERENTES
SESSÕES LEGISLATIVAS
DESDE 1837 A 1862

COLLIGIDOS E ANNOTADOS
POR

Jacintho Augusto de Freitas Oliveira.

Bacharel formado em mathematica

Esta obra vae entrar nos prelos da
typographia Franco-Portugueza no mez
de dezembro corrente.

Metade do producto da venda será
repartido pelos asylos de S. João e de
Aveiro.

O PROGRESSO PELO CHRISTIANISMO

CONFERENCIAS RECITADAS NO TEMPLO

DE

N. SENHORA DE PARIS

PELO REVD.^o PADRE FELIX

DA

COMPANHIA DE JESUS

Vertidas em portuguez

POR

M. F. Correia da Silva

Publicam-se as Conferencias do anno de 1862.

Preço para os srs. assignantes da FÉ CA-

THOLICA (um exemplar)..... 360

« Avulso..... 500

Tendo a empresa da FÉ CATHOLICA re-
solvido publicar todas as Conferencias do mesmo
reverendo padre recitadas nos annos de 1856, 57,
58, 59, 60 e 61, para o que já estão no prelo as de
1861, recebe desde já assignaturas com paga-
mento adiantado, pela maneira seguinte:
Para os srs. assignantes da FÉ CATHO-

LICA (toda a collecção)..... 2\$500
Avulso (antes da publicação)..... 3\$500

Depois de publicado (cada volume)..... 500

Os srs. assignantes da FÉ CATHOLICA
que já tenham assignado e pago as Conferencias
de 1862, só teem a remetter para toda a collecção,
a quantia de 2\$160 réis.

Toda a remessa para as provincias é feita
por conta da empresa, e só aos volumes comple-
tos e brochados.

RESPONSAVEL:—M. C. da Silveira Pimentel

Typ. do Districto de Aveiro.